

## **Em busca do ouro: narrativas d'*O Globo* sobre a performance do futebol brasileiro nas Olimpíadas**

Filipe Mostaro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Francisco Angelo Brinati

Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ).

**Resumo:** A performance do futebol nacional é constantemente exaltada nas narrativas midiáticas como a “melhor do mundo”. As cinco conquistas na Copa do Mundo são indicadas como a confirmação desse pensamento. Entretanto, quais seriam as narrativas da imprensa nacional sobre a performance da equipe masculina de futebol nos Jogos Olímpicos? Nossa intenção neste trabalho é demonstrar os mecanismos utilizados pelas narrativas do jornal *O Globo* que procuraram manter a representação de “melhores do mundo”, mesmo a seleção não conseguindo a medalha de ouro nas 12 vezes em que participou do evento.

**Palavras-Chave:** performance, Jogos Olímpicos, futebol, narrativas, mídia.

### **In search of gold: narratives of the *O Globo* on the performance of Brazilian football in the Olympics**

**Abstract:** The performance of the national football is constantly praised in media narratives as the “best in the world”. The five achievements in the World Cup are indicated as confirmation that thought. However, what are the narratives of national press about the performance of the men's football team at the Olympics? Our intention in this work is to demonstrate the mechanisms used by the *O Globo* newspaper that sought to maintain the “best in the world”, even if the selection does not getting the gold medal in the 12 times that participated in the event.

**Keywords:** performance, Olympics, football, narratives, media.

### **En quête de l'or : récits du *O Globo* sur la performance du football brésilien dans les Jeux olympiques**

**Résumé:** La performance du football national est constamment fait l'éloge dans les récits des médias comme le “meilleur du monde”. Les cinq réalisations en Coupe du monde sont indiquées comme confirmation que pensé. Cependant, quels sont les récits de la presse nationale sur les performances de l'équipe masculine de football aux Jeux olympiques? Notre intention dans ce travail est de démontrer les mécanismes utilisés par le journal *O Globo* qui a cherché à maintenir le “meilleur du monde”, même si la sélection n'est pas obtenir la médaille d'or dans le 12 times ayant participé à l'événement.

**Mots-clés:** performance, Jeux olympiques, football, des récits, des médias.

## **Introdução**

“Somos o país do futebol”. Este epíteto é constantemente reproduzido pelos meios de comunicação e se tornou, ao longo dos anos, uma marca indelével de nossa cultura. Acreditamos que o futebol se tornou um dos pilares na edificação da identidade nacional durante os anos 1930 e eventos esportivos, como a Copa do Mundo, surgem como um fato social importante, onde tal identidade seria constantemente reatualizada e ressignificada. A elaboração da ideia do jogador nacional possuir um talento diferenciado também se insere na narrativa do futebol brasileiro, incorporando a crença de “sermos os melhores do mundo” nesse esporte. A performance esportiva de alguns de nossos atletas ao longo dos Mundiais, como Garrincha, Pelé, Romário e Ronaldo, por exemplo, auxiliaram nessa concepção e moldaram o imaginário nacional em torno da simbiose nação e seleção durante esta competição.

Entretanto, quais seriam as narrativas da imprensa nacional sobre a performance da equipe masculina de futebol nacional nos Jogos Olímpicos? Nas 12 vezes em que participou do evento, não conseguiu o título em nenhuma oportunidade<sup>1</sup>. Longe de focar nossa reflexão e investigação nos motivos esportivos que levaram a seleção nacional a não conquistar a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos, nos interessa aqui como as participações do futebol brasileiro foram contadas pelos jornais impressos. Nossa intenção é demonstrar os mecanismos utilizados pelas narrativas midiáticas que constroem e enquadram determinadas performances com o objetivo de arquitetar e manter as representações sobre o futebol nacional. Para isso, vamos analisar a capa e o caderno de esportes do jornal *O Globo* no dia da estreia da seleção e no dia posterior ao último jogo do Brasil nas Olimpíadas de Helsinque (1952), Roma (1960), Tóquio (1964), México (1968), Munique (1972), Montreal (1976), Los Angeles (1984), Seul (1988), Atlanta (1996), Sidney (2000), Pequim (2008) e Londres (2012).

Deste modo, procederemos da seguinte forma nossa coleta de dados: inicialmente será feita uma busca por todas as notícias que abordam o tema Jogos Olímpicos no *corpus* indicado. Posteriormente, elencaremos quais falam sobre a equipe de futebol e analisaremos as narrativas dessas reportagens com duas perguntas que norteiam a investigação: como a narrativa mantém a representação de “melhor futebol do mundo” e se o caráter amador da equipe, exigido pela competição, é colocado na região de fachada<sup>2</sup>.

### **Identidade e enquadramentos sociais: “somos os melhores no futebol”**

Entendemos a identidade como uma construção social que pretende reunir atributos, características, mitos e crenças de determinados grupos sociais em estereótipos rígidos e coesos, esquecendo a multiplicidade de tais formações. Essas articulações foram eficientes na organização dos Estados-nação na Europa, como destaca Stuart Hall (2011). Ao mesmo tempo em que incutiam valores e sentidos às nações, distinguindo-a e demarcando sua diferença frente às outras, se legitimava conceitos que antes eram determinados por outras instituições. Essa validação passou a estabelecer o “senso comum”<sup>3</sup> sobre determinados assuntos e neste caso, às nações. Essa elaboração de identidades passa por uma disputa interna entre campos que pretendem se tornar hegemônicos e arquitetam a ideia do que seria o nacional e suas representações, dentro de uma perspectiva que lhe será favorável. Dentro da ideia de Pierre Bourdieu (2004) quem domina o campo em determinado contexto, define as regras e simbologias do próprio campo, conservando ou modificando seus sentidos. Por isso os campos estão em permanentes batalhas, “onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas” (HALL, 2003, p.255).

Com esse embate constante, as identidades seriam, então, a todo tempo reconstruídas e negociadas no decorrer dos acontecimentos para que façam sentido, num

constante diálogo com a sociedade, como apontam Berger e Luckmann (1978). Essa concepção destaca que as identidades, por mais que procurem estabilizar algo, estão sujeitas a modificações e reestruturações que dependem de contextos auspiciosos para vigorarem. A própria construção do futebol como identidade nacional encontrou um terreno favorável para propagar as ideias de miscigenação e de democracia racial. Era necessário para os novos grupos sociais em ascensão no país reajustar os sentidos do que viria a ser o nacional. Em um contexto do governo de Getúlio Vargas que, em 1930, encerra o ciclo da hegemonia das oligarquias cafeeiras e propicia um crescimento na densidade populacional dos grandes centros, novas acomodações são sugeridas nesta formação da identidade brasileira. Assim, a popularização do futebol e a crença de seu papel como um instrumento de ascensão social dos negros através da profissionalização, se tornam ingredientes oportunos para essa reacomodação social que o país atravessava (PRONI, 2000). A representação do futebol como algo nacional engloba a idealização da “democracia racial” (FREYRE, 1933), onde negro, índio e o branco estariam juntos na seleção, defendendo a pátria. As novas representações sobre o país emergem no sentido de enquadrar determinados aspectos e descartar outros, privilegiando aquilo que as ideologias vencedoras nos embates internos exaltaram como nacional. Neste quadro, Moscovici (2012) destaca que as representações sociais surgem para tornar familiar o que não era familiar.

Destarte, a vinculação de um suposto estilo nacional creditado à miscigenação (FREYRE, 1938), que daria uma presumível habilidade nata ao brasileiro no futebol foi sustentado como a nossa “essência cultural”. Essa cultura nada mais é do que um discurso que visa produzir símbolos e sentidos que vão influenciar e organizar as ações dos indivíduos, proporcionando identificação e construindo identidades (HALL, 2011).

Para nós, esse enquadramento social do futebol como algo nacional e a proliferação desta concepção através dos meios de comunicação penetram no imaginário social de maneira latente criando mapas culturais (HALL, 2011) sobre a nação que servirão para o sentido de pertencimento, reconhecimento e lealdade dos indivíduos. Nesta linha de argumentação, a ideia de enquadramento ou *framing* de Erving Goffman (1986) se torna interessante. Para Goffman, as representações dos indivíduos seguem determinados padrões já previamente estabelecidos e compreendidos pelos que fazem parte daquela sociedade, criando uma “situação social” facilmente identificada. Assim, os *frames* oferecem definições da realidade social, sendo compartilhados, fundamentados e usados como referência nas culturas onde estão presentes. Desse modo, a vitória no futebol é enquadrada como uma obrigação para o país onde supostamente “todos” têm o “dom” para o esporte e essa representação é evocada pela imprensa no sentido de provocar expectativa ao designar um talento nato ao jogador brasileiro e constantemente nos alçar ao posto de “melhores do mundo”, resgatando esse imaginário social em torno do futebol. O que pretendemos destacar é que ao se enaltecer algumas performances de atletas, definindo suas características como tipicamente nacionais, é construído um estereótipo sobre o futebol que será usado nas representações sociais.

Alguns momentos servem para reforçar e resignificar tais identidades. Em sua maioria, são ritualísticos e visam promover o mito da fundação daquela cultura ou identidade. No Brasil, consideramos a Copa do Mundo como o momento apropriado para tal. É comum observamos campanhas publicitárias que enaltecem nosso futebol como único e reafirmam seu papel na constituição da nação. Assim, a seleção brasileira se torna a representante da coletividade, principalmente na metáfora elaborada sobre a competição que seria um “duelo entre nações”. Em contrapartida a mesma associação não é percebida durante as Olimpíadas, evento que engloba mais modalidades e supostamente poderia

rivalizar com a Copa do Mundo no seu aspecto patriótico e simbólico da nação ser representada. Queremos deixar claro que não sugerimos aqui a falta da noção de comunidade em torno dos Jogos Olímpicos na narrativa midiática e sim, enfatizar que, no Brasil, a Copa do Mundo permeia o imaginário nacional de forma mais robusta.

Entendemos o imaginário como o ponto de partida da relação e interação dos elementos que compõem uma narrativa. Para Baczko (1985) o imaginário dirige a linguagem dos símbolos e dos emblemas. Aqui é notório o simbolismo que a seleção brasileira adquiriu desde a Copa de 1938 (GUEDES, 2009), ratificando a importância no imaginário dela ser a “representante autêntica da nação”. Estes símbolos se tornaram eficazes por se firmarem no imaginário coletivo nacional, fazendo parte de uma narrativa global do país, que fundem esperanças, utopias e mitos (BACZKO, 1985, p.325). O simbolismo da Copa do Mundo no Brasil e seus ritos coletivos atuam nessa vertente, tornando-se um instrumento eficaz para regular e orientar a sensibilidade coletiva, influenciando comportamentos, fazendo o país vestir verde e amarelo durante a competição, num impulso patriótico cíclico a cada quatro anos.

Sugerimos que a performance brasileira nos Jogos Olímpicos no período dos anos 1930 não proporcionava tal condição, ao passo que o futebol, e principalmente a Copa do Mundo, se desenhavam como *locus* privilegiado para sustentar essa esperança de vitória da nação presente no imaginário social (BACZKO, 1985). Édison Gastaldo (2002, p.36) designa a ligação da cultura nacional com o futebol em grande parte pela participação brasileira em todas as Copas do Mundo, algo que já não ocorreu nos Jogos Olímpicos (apenas em 1952, o futebol brasileiro estreia).

## **Helsinque 1952: amadores e malabaristas**

Após sediar e perder a Copa do Mundo de 1950 para o Uruguai<sup>4</sup>, o futebol brasileiro teve sua primeira participação nos Jogos Olímpicos de Helsinque, na Finlândia. Aqui é meritório destacar que a ideia da seleção representar a nação já havia sido utilizada em duas Copas do Mundo. Na primeira oportunidade, em 1938, alguns pesquisadores, como Lovisolo e Pereira (2014), destacam o nascimento mítico do futebol-arte, que seria um dom inato ao brasileiro para jogar futebol, baseado na habilidade, drible e no improviso<sup>5</sup>. Já a Copa de 1950, é classificada por Roberto DaMatta (1982) como “uma tragédia nacional”, argumento que aguça a importância que o evento ocupa no imaginário social do país. Dessa maneira, julgamos que a Copa do Mundo já havia se estabelecido como competição onde a simbiose seleção-nação estaria sedimentada no imaginário nacional. Todavia, acreditamos que performances positivas da equipe de futebol que confirmassem nossa expectativa de “sermos os melhores do mundo” poderiam incorporar os Jogos Olímpicos nesse patamar de patriotismo futebolístico.

A estreia foi no dia 16 de julho de 1952, exatamente dois anos após a derrota para o Uruguai na final da Copa do Mundo anterior. A narrativa do jornal relembra tal fato, mas escolhe para a composição da intriga<sup>6</sup> destacar a tranquilidade dos jogadores: “Estão todos muito animados e tranquilos, deram entrevistas aos jornais locais, declarando, em síntese, recordando o match final da Copa do Mundo de 1950, que o dia 16 de julho de hoje não será igual ao outro 16 de julho de má memória para o football brasileiro” (O GLOBO, 16/07/1952, p.11). Essa busca por uma melhor participação e em “fazer diferente” da Copa anterior, corrobora nosso apontamento acima de que novas performances poderiam tornar o futebol olímpico integrante da ideia do “país do futebol”, hoje destacado pelas cinco conquistas em Copas do Mundo.

O jornal enfatiza em sua capa que o país está “representado pela sua equipe de football amador” que “corresponde à terceira ou quarta divisão brasileira”, apesar disso “os jogadores estão bem treinados e, naturalmente, tudo farão para defender o prestígio do football brasileiro.” (*O Globo*, 16/07/1952, p.1) Nota-se aqui que, mesmo sem vencer uma Copa do Mundo e na primeira participação em Jogos Olímpicos, a narrativa ressalta o prestígio do futebol nacional, fato que viria novamente na página 12 ao exaltar o estilo nacional como um espetáculo de grande sensação, diferente do futebol “arcaico e fora de uso dos europeus” que estavam no torneio. Na mesma reportagem o jornal traz a visão dos nossos adversários, os holandeses, sobre nosso futebol: “os maiores malabaristas do mundo jogando a pelota” (*O Globo*, 16/07/1952, p.12). Ao escolher essa declaração para a fachada, o jornal coloca essa concepção, construída durante a Copa do Mundo de 1938, destacada pelo “outro”, enfatizando nossa performance futebolística. A narrativa busca salientar a noção de um futebol único e diferenciado dos brasileiros, mesmo com os representantes amadores, endossando o argumento que o simples fato de ser brasileiro já creditaria os jogadores a receber tal elogio.

Após vencer a Holanda (5 a 1) e Luxemburgo (2 a 1), a equipe brasileira de futebol perdeu para a Alemanha por 4 a 2 no dia 24 de julho de 1952 e foi eliminada da competição. Na página 9, a reportagem descreveu a derrota brasileira com o seguinte título: “A Falta de chance perseguiu os brasileiros” e completa com o seguinte subtítulo: “equipe nacional manteve extraordinários domínio técnico sobre os alemães, mais favorecidos pela sorte” (*O Globo*, 25/07/1952, p.9). A escolha das ações que vão compor a narrativa destaca a técnica brasileira (nossa suposta identidade) e enfatizam a sorte do adversário, procurando manter a representação de melhor futebol do mundo. O repórter Geraldo Romualdo da Silva frisa o vigor físico dos alemães, que mais bem preparados neste aspecto, usaram esta arma para “reduzir e mesmo aniquilar a maior habilidade e

destreza dos jogadores nacionais” (*O Globo*, 25/07/1952, p.9). Aqui é interessante o reforço da ideia de futebol-arte x futebol força, delineada por Freyre em 1938 no artigo *Football Mulato*, demonstrando como tal simbolismo penetrou no imaginário nacional e é constantemente reproduzido pelos meios de comunicação.

A reportagem termina com a declaração do técnico alemão, Herberger: “Mas digolhes com sinceridade: ainda não vi jogadores mais talentosos, mais hábeis, mais rápidos e mais impressionantes. Não ficaria triste, por isso, se houvesse perdido para esses grandes artistas da bola” (O GLOBO, 25/07/1952, p.9). Neste trecho, suspeitamos que o jornalista seleciona o que no momento será mais conveniente para manter a representação sobre o futebol nacional, mesmo na derrota, trazendo para a fachada o reconhecimento do técnico adversários sobre o “nosso talento”.

Nesta competição encontramos na narrativa midiática um foco no talento nacional, mesmo com a derrota, emoldurando um contraponto entre a habilidade nacional e a força europeia. Nos Jogos de 1956 em Melbourne, o futebol brasileiro não participou.

### **Roma 1960, Tóquio 1964 e México 1968: o futebol olímpico sem destaque**

As narrativas sobre o talento do jogador nacional tiveram um dos capítulos mais eloquentes na conquista da Copa do Mundo de 1958. A vitória por 5 a 2 sobre os suecos, donos da casa, foi interpretada pela narrativa midiática como a inquestionável supremacia do futebol brasileiro sobre o mundo<sup>7</sup>. As performances de Pelé e Garrincha reatualizaram a ideia do futebol-arte, baseado no drible, iniciado com Leônidas em 1938 e reafirmaram a Copa do Mundo como um momento de congraçamento nacional. Nossa expectativa ao investigar as narrativas dos primeiros Jogos Olímpicos depois deste título era encontrar uma maior exaltação ao futebol nacional, já que, enfim, éramos campeões do mundo. Todavia, no dia de nossa estreia, contra a Grã-Bretanha no dia 26 de agosto de 1960, apenas a escalação da equipe foi divulgada em uma pequena nota na página 15. As

notícias sobre outros esportes e sobre a abertura dos Jogos suplantaram as informações acerca do futebol.

A equipe venceu a Grã-Bretanha (4 a 3), China (5 a 0) e perdeu para os italianos por 3 a 1 no dia primeiro de setembro de 1960. Na página 17, o jornal noticia a eliminação lamentando mais uma chance de medalha desperdiçada para o Brasil e prefere destacar que o basquete (também atual campeão do mundo) continua na competição: “Vitória no basquete e derrota no futebol”. Inferimos aqui uma visão mais global dos Jogos, não destacando um esporte em específico e sim projetando a posição final do Brasil no quadro de medalhas que àquela altura tinha uma medalha de bronze, conquistada por Manuel dos Santos.

Em 1962 o Brasil conquistou o bicampeonato mundial no Chile. Nas narrativas midiáticas destacamos que neste momento a ideia de “pátria de chuteiras” se concretiza no imaginário nacional, afinal não foi “acidente” vencer em 1958, e mesmo sem Pelé, lesionado no segundo jogo, Garrincha se encarregou de manter a performance futebolística de “melhor do mundo”<sup>8</sup>.

O volume de notícias sobre o futebol também foi abaixo do que esperávamos. No dia 12 de outubro de 1964, a equipe estreou contra a República Árabe Unida<sup>9</sup>. Assim como em 1960, apenas a escalação foi dada com uma breve análise dos adversários brasileiros na primeira fase. Entretanto, notamos pela primeira vez em nosso *corpus* um caderno especial de Esportes voltado para os Jogos, mostrando sua crescente midiaticização que alcançaria um novo patamar em 1968, como veremos mais adiante.

A seleção empatou na sua estreia em 1 a 1, venceu a Coreia do Sul por 4 a 0 e perdeu para a Tchecoslováquia por 1 a 0. No dia seguinte a derrota, a narrativa destacou o jogo difícil e a considerou surpreendente goleada da República Árabe Unida por 10 a 0 sobre a Coreia do Sul. Tal resultado classificou a equipe árabe por conta do saldo de gols

e eliminou a equipe brasileira. Não encontramos justificativas para a eliminação elaboradas na ideia do amadorismo da seleção, nem exaltação ao nosso estilo de jogo, a narrativa apenas limitou-se a informar a desclassificação no futebol, já que outros esportes ainda mantinham chance de medalhas.

Os Jogos Olímpicos de 1968 foram marcados pela inovação tecnológica da transmissão televisiva, fato acentuado na narrativa jornalística:

milhões de espectadores acompanharam sábado o maior espetáculo esportivo mundial com o desfile inaugural dos XIX Jogos Olímpicos transmitidos por satélite em preto e branco e também a cores, tanto para os Estados Unidos, como atravessando os oceanos até à Europa e a Ásia, coroando o gigantesco esforço do México (*O Globo*, 14/10/1968, p.3).

O esforço do México pode ser representado pelo magnata das comunicações Emilio Ascarra Milmo, dono da Televisa, que adquiriu os equipamentos necessários para a cobertura das Olimpíadas de 1968. Ao incluir a televisão na cobertura em tempo real do evento, amplia-se seu espaço discursivo e a frequência das interações (THOMPSON, 1999). Um maior número de pessoas passa a acompanhar ao vivo as performances dos atletas, que, paulatinamente, vão se tornar mais midiáticas e globais. Acreditamos que esse marco vai mudar alguns sentidos sobre os jogos, que ao possuir mais visibilidade, se tornará alvo do campo econômico como uma vitrine para produtos. Os atletas e suas performances, além de representar nações passarão a representar marcas multinacionais. Inclusive nos países do bloco socialista, na URSS, por exemplo, onde o patrocínio estatal transformou os atletas em funcionários públicos. Tal conduta abriu uma brecha para um profissionalismo velado, mantendo os atletas “amadores” e podendo se dedicar inteiramente a preparação para sua performance. (cf. MASCARENHAS, 2011)

Mesmo com esse maior aparato midiático, o futebol nacional não teve o destaque que esperávamos na narrativa do jornal. A estreia brasileira foi no dia 14 de outubro contra a Espanha. A reportagem colocou na fachada a confiança da comissão técnica no

time em uma narrativa que não enfatizou nosso estilo, nem o fato de sermos bicampeões mundiais.

A campanha teve uma derrota para a Espanha na estreia, empate contra Japão em 1 a 1 e outro empate contra a Nigéria em 3 a 3 no dia 18 de outubro de 1968. A edição do dia seguinte limitou-se a destinar uma nota para a desclassificação brasileira: “Começou pessimamente e acabou como se poderia esperar a participação do Brasil no futebol olímpico, sendo mesmo de recomendar que nunca mais se pensasse em enviar aos jogos equipes sem expressão” (*O Globo*, 19/10/1968, p.19). Pela primeira vez no *corpus* encontramos uma crítica à equipe de amadores enviada para a disputa da competição. Por outro lado, a eliminação foi narrada como uma das maiores surpresas do torneio de futebol nos jogos, inferindo a ideia de que como “somos os melhores”, perder na primeira fase é uma “surpresa”.

Nestas três últimas competições analisadas encontramos notas e narrativas pormenorizadas mesmo sendo “os melhores do mundo” com o bicampeonato mundial conquistado na Copa do Mundo. Nos cadernos de esportes analisados nessas três olimpíadas, notamos que o futebol foi destaque apenas nos torneios regionais em disputa no Brasil, com os clubes nacionais ocupando quase a totalidade das notícias relacionadas ao esporte destacado como “paixão nacional”. Um dos principais cronistas esportivos do país e criador da expressão “pátria de chuteiras”, Nelson Rodrigues, colunista do jornal neste período estudado, não menciona em nenhuma oportunidade o futebol nos Jogos Olímpicos. Neste sentido, pontuamos que os enquadramentos jornalísticos auxiliam na atribuição de sentidos a determinada competição. O que observamos é que para Nelson essa “pátria de chuteiras” está presente apenas na Copa do Mundo, ignorando a performance nacional nessas três Olimpíadas. A narrativa de todo o jornal seguiu a mesma linha.

## **Munique 1972: mídia intensa e a performance que abala o tricampeão**

A Copa do Mundo de 1970 é destacada por pesquisadores como a consolidação da ideia de país do futebol<sup>10</sup>. Com o tricampeonato e a performance exaltada como “brilhante” pelas narrativas midiáticas fez daquela seleção um modelo a ser seguido sobre o que seria um bom futebol. Outro ponto importante desta conquista foi a transmissão via satélite para todo mundo, aproveitando os equipamentos adquiridos para os Jogos do México em 1968. Além dos fatores esportivos meritórios daquela seleção, acreditamos que a interação com um elemento tecnológico com a televisão, a fez “ser vista” por uma quantidade exponencial de pessoas se comparada à última Copa do Mundo, amplificando seu status de “fantástica”.

A expansão do interesse pelo esporte através da mídia propiciou um maior número de atores sociais envolvidos e sua frequência de interação se multiplicou (GIULIANOTTI, 2010, p.43). Devido a estes fatores, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos se tornaram eventos de grande importância não só nos aspectos esportivos, mas também econômico, político e cultural, recebendo maior cobertura dos meios de comunicação. Assim, compreendemos que o campo esportivo adquiriu uma autonomia, conseguindo falar com propriedade fora de seu campo e ingressar em outros com uma eficácia simbólica (BOURDIEU, 2004). Ehrenberg destaca que “a prática esportiva e a linguagem do esporte penetraram a tal ponto em todos os poros da sociedade que está em via de se tornar uma passagem obrigatória para os valores da ação. Entramos numa nova era do esporte” (EHRENBERG, 2010, p.10).

A narrativa sobre o futebol, se manteve reduzida com uma pequena reportagem com o título: “Brasil é o favorito em Passau” (p.38) Apenas a escalação e um alerta para o primeiro adversário, a Dinamarca, compunha a intriga da notícia. Já na página 40, o jornal faz uma análise de todas as modalidades que o Brasil ia disputar (13 das 22). Destacamos que ao falar do futebol, a narrativa destaca que a Hungria é a grande favorita,

por contar com jogadores de sua seleção principal. Sugerimos que trazer esse fato para a fachada, procura-se inferir que o Brasil não veio com seus principais jogadores.

Após a derrota para a Dinamarca (3 a 2), empate com a Hungria (2 a 2) e outra derrota, agora para o Irã (1 a 0) a narrativa do dia primeiro de setembro de 1972 traz o seguinte título na página 25: “Futebol do Brasil foi eliminado das Olimpíadas”. Expressões como: irreconhecível, sem inspiração, falta de entrosamento e fracasso rotundo, serviram, em linhas gerais, para explicar a desclassificação. Neste trecho, a reportagem é mais contundente nas críticas: “comprometeram seriamente o extraordinário nome futebolístico do Brasil no estrangeiro” (*O Globo*, 01/09/1972, p.25). Na mesma página, outra reportagem enfatiza outro possível motivo para o insucesso do futebol olímpico do Brasil:

Se houve uma desclassificação merecida, essa foi, sem dúvida a da seleção olímpica de futebol do Brasil que, se foi preparada tecnicamente durante três meses com afinco, certamente não foi ensinada para aprender o espírito olímpico cujo lema fundamental é de competir com empenho total contra todos os adversários. Foi a “máscara” que derrotou a equipe brasileira... (*O Globo*, 01/09/1972, p.25).

O presidente da CBD, João Havelange, disse que o time era jovem e passava por uma crise de transformação. A narrativa destacou pela primeira vez a falta de espírito olímpico da equipe de futebol, além de ressaltar que a derrota comprometeu o nome do futebol brasileiro, mostrando que a performance nesta competição abalava a representação de “melhores do mundo”, que dois anos antes havia se consolidado.

### **Montreal 1976: socialistas amadores ou profissionais**

Foi nesta competição que a questão profissionalismo x amadorismo ocupou local de maior destaque em nosso *corpus*. Na página 44, a reportagem com o título “Escândalo do futebol”, destaca a presença de jogadores que disputaram a Copa de 1974 pelos países socialistas: “as seleções que alguns países enviaram para os Jogos – principalmente URSS, Alemanha Oriental e Polônia - são as suas equipes principais”. A narrativa trata a

questão com indignação, principalmente com a justificativa da FIFA para não punir os países e proibir tal prática: “se o Comitê olímpico de um país declara que o jogador é amador e este presta o juramento do atleta temos que aceitar a inscrição” (O GLOBO, 18/07/1976, p.44). O jornal destaca que Havelange, presidente da FIFA, nada fez e se escondeu atrás do regulamento. A composição da intriga destaca que, desde 1952, os países que conquistaram a medalha de ouro foram representantes do leste europeu, onde os atletas eram considerados amadores. O técnico da equipe brasileira, Cláudio Coutinho, foi mais enfático:

Dizer que isto é uma vergonha ainda é pouco. Nossos meninos serem obrigados a enfrentar craques consagrados internacionalmente além de ser um disparate é profundamente desleal. [...] Muita gente no Brasil que não está a par do regulamento olímpico perguntará por que não trouxemos o Zico e o Rivelino, por exemplo, para enfrentar o Blochin e o Lato. Ninguém vai acreditar que um Lato, que marcou o gol da vitória da Polônia sobre o Brasil na Copa seja tão amador como um de nossos jogadores. (*O Globo*, 18/07/1976, p.44).

O jornal enfatiza que a queixa não é só brasileira: “os responsáveis por outras seleções com França, México e Espanha, com jogadores na mesma situação dos brasileiros (profissionais jovens, sem contrato registrado), reclamam da situação e o futuro do torneio de futebol nos Jogos Olímpicos parece em perigo” (*O Globo*, 18/07/1976, p.44).

Em nossa análise, compreendemos tal preocupação com a presença de atletas consagrados de outras seleções como um fato que pode levar o Brasil a derrota e ocasionar rupturas na representação de melhor do mundo. Sublinhar que nossos jogadores são amadores e seria “desleal” jogar contra profissionais, além de criticar a FIFA por não “vetar” tal prática, funciona como uma preparação para explicações para possíveis derrotas, buscando incutir a ideia de que se os profissionais viessem a situação seria “diferente”. Acreditamos que tais estratégias de manter a representação, surgem com mais intensidade à medida que os Jogos são mais midiáticos. Na mesma edição do jornal é noticiado, por exemplo, que a televisão americana ABC pagou 25 milhões de dólares

pelos direitos televisivos dos Jogos. Também julgamos que esta polarização entre amadores e profissionais, reflete também o contexto mundial da Guerra Fria, no sentido de diminuir o significado da performance dos países que compunham o bloco “comunista”.

A equipe de futebol empatou com a Alemanha Oriental (0 a 0), venceu a Espanha (2 a 1) e Israel (4 a 1) e perdeu a semifinal para a Polônia (2 a 0). Na disputa pelo bronze, a URSS venceu o Brasil por 2 a 0. No dia 30 de julho a narrativa do jornal destacou a melhor preparação dos jogadores soviéticos e a fraca atuação do Brasil. Todavia, o jornal retorna a questão apresentada no dia da estreia brasileira com a reportagem “Holanda e Inglaterra ameaçam deixar o torneio”. A tônica da narrativa foi reforçar os argumentos sobre a presença de jogadores das seleções principais dos países socialistas como uma afronta e um privilégio, destacando que “o Brasil foi o único país que conseguiu se infiltrar na máfia da burla organizada das leis olímpicas” (*O Globo*, 30/07/1976, p.30). Nesta competição a Polônia ficou em primeiro, Alemanha Oriental em segundo e a URSS em terceiro, auxiliando a narrativa proposta pelo jornal. Esse embate entre campos chegou ao seu ápice em 1980, nos Jogos de Moscou, quando 69 países não disputaram a competição em um boicote liderado pelos EUA. A ideia clara era deslegitimar o evento. O Brasil participou dos Jogos, mas a equipe de futebol não se classificou.

### **Los Angeles 1984 e Seul 1988: pratas comemoradas e choradas**

Os Jogos de 1984 são frequentemente instituídos por pesquisadores como o marco da influência televisiva na competição. A rede ABC (EUA) adquiriu os direitos de transmissão por 225 milhões de dólares (GUTTMANN, 1992, p.160), transformando a performance atlética em algo espetacularizado, direcionada para as câmeras e, conseqüentemente, para uma audiência televisiva cada vez maior. Propomos que essa ampliação da “plateia” interferiu na narrativa do jornal no sentido de manter a ideia de

“melhores do mundo”, projetando uma maior expectativa na performance do futebol nesses Jogos.

No caderno de Esportes dedicado ao evento, encontramos na página 5 a seguinte narrativa: “A seleção que esta noite entra no Estádio Rose Bowl, em Pasadena para defender o País do futebol na única competição em que ela ainda não conquistou o título de campeão, já está escalada” (*O Globo*, 30/07/1984, Caderno de Esportes, p.5). Foi a primeira vez dentro do *corpus* que se enfatiza a ideia de “título que nos falta”. Na mesma página a questão amadores e profissionais aparece com uma frase do presidente da FIFA João Havelange: “para a FIFA, não há mais jogadores de futebol amadores ou profissionais. Há juvenis, olímpicos e de Copa do Mundo. Há menores de 20 anos, até 23 anos e acima de 23” (*O Globo*, 30/07/1984, Caderno de Esportes, p.5). Neste cenário, a FIFA apresentou medidas para limitar a participação de profissionais. A primeira foi instituir que o jogador profissional que não tivesse participado de uma Copa do Mundo poderia atuar nos Jogos. A entidade frisou que a intenção era que os atletas “subam escalão por escalão até chegar à Copa do Mundo”, em mais uma insinuação de que a Copa era mais importante do que as Olimpíadas, categorizando em níveis de importância os eventos.

Nos três primeiros jogos a equipe sai vitoriosa: Arábia Saudita (1 a 0), Alemanha Ocidental (1 a 0) e Marrocos (2 a 0). Logo depois, o Brasil empatou com o Canadá (1 a 1), venceu a Itália (2 a 1) e perdeu para a França por 2 a 0 na disputa pela medalha de ouro. No dia 12 de agosto a capa do caderno de esportes enfatiza: “seleção de futebol fica satisfeita com medalha de prata” (*O Globo*, 12/08/1984, Caderno de Esportes, p.1). A narrativa traz para a fachada o tempo curto de preparação da seleção para “uma competição desta importância” e destaca a medalha de prata, “resultado inédito na história do futebol brasileiro nos jogos” e a primeira medalha olímpica da modalidade. Nas três

reportagens sobre a partida final, duas mencionam frases de jogadores e membros da comissão técnica que criticam a CBF pela falta de planejamento com o futebol olímpico.

Quatro anos depois, em Seul, a narrativa do jornal mantém o destaque e expectativa para o futebol olímpico. Na página 56, temos o seguinte título: “A busca do ouro inédito”. Uma reportagem na mesma página entrevista o atacante Romário, que coloca na fachada a união da equipe e realça a importância da performance do time na competição: “o título olímpico é o único que ainda falta na história do futebol brasileiro e estamos realmente determinados a conquistar esse título inédito” (*O Globo*, 18/09/1988, p.56). A estreia foi com vitória sobre a Nigéria (4 a 0), seguida de um 3 a 0 sobre a Austrália e 2 a 1 na Iugoslávia. Na fase seguinte vitória sobre a Argentina (1 a 0) e empate com a Alemanha em 1 a 1. Na final olímpica uma derrota por 2 a 1 para a URSS fez a seleção brasileira de futebol ganhar sua segunda medalha de prata na modalidade. Todavia, a narrativa de orgulho pela prata em 1984, dá lugar a seguinte manchete na capa do jornal do dia 2 de outubro de 1988: “Seleção chora a perda do ouro” (*O Globo*, 02/10/1988, p.1). A performance exigida no torneio passa a se aproximar da reivindicada na Copa: ser campeão. Na mesma chamada na capa, a declaração do atacante Edmar; “medalha de prata é o mesmo que ser o último”. Obviamente que esse pensamento não manifesta a totalidade dos jogadores, mas no enquadramento realizado pela narrativa do jornal, essa ação vai para a fachada, moldando a representação de que precisamos comprovar sermos “os melhores do mundo” com vitórias e títulos. Na página 53, as reportagens focam na tristeza pela derrota: “Do pódio ao vestiário, o drama dos brasileiros”, “Nem a medalha de prata serve de consolo para os jogadores” (*O Globo*, 02/10/1988, p.53). As “explicações” para a derrota foram desde a suposta atuação ruim do árbitro francês Gerard Biguet até a desorganização da CBF. Os jogadores tiveram, em

linhas gerais, sua performance exaltada, sem nenhum comentário sobre amadorismo ou profissionalismo.

### **Atlanta 1996: a busca obstinada pelo título inédito**

Após não se classificar para os Jogos de Barcelona em 1992, a seleção conquistou em 1994 o tetracampeonato mundial de futebol na Copa dos EUA. Tal feito reatualizou a concepção de supremacia no futebol mundial colocando a narrativa da performance do futebol nos Jogos de 1996, em Atlanta, com a expectativa e o favoritismo evidentes no jornal: “Brasil parte em busca do inédito ouro como favorito contra o Japão” (*O Globo*, 21/07/1996, Caderno de Esportes, p.4). Aqui, inferimos que com quatro títulos mundiais de Copa do Mundo, a suposta necessidade de conquistar a medalha de ouro para corroborar a ideia de melhor do mundo se torna mais enfática na narrativa: “...Iniciando a sua luta para a conquista da medalha de ouro, único título que falta ao futebol tetracampeão mundial”. Nesta competição cada seleção poderia inscrever três jogadores acima de 23 anos, o que segundo o jornal trouxe mais atrativos para o futebol olímpico. Com essa medida, não encontramos mais na narrativa do periódico a questão amadorismo e profissionalismo. Julgamos que fatores econômicos, aliados a uma transmissão e cobertura cada vez mais global, incitou esse “afrouxamento” da FIFA na competição, para que o futebol olímpico, por mais que não rivalizasse com a Copa do Mundo, não perdesse espaço em um cenário de atletas com a performance cada vez mais espetacularizada e catapultada pelos meios de comunicação.

As entrevistas com os jogadores e com o treinador Zagallo colocavam o título como uma obsessão, enfatizando que a performance esperada era de um país tetracampeão do mundo: “Zagallo sabe da condição de favorito do Brasil e acredita fervorosamente que o sonho da medalha de ouro poderá finalmente ser realizado. Mas acha que os jogadores terão de mostrar a superioridade do futebol tetracampeão” (*O*

*Globo*, 21/07/1996, Caderno de Esportes, p.4). Nas quatro páginas do caderno de Esportes dedicadas ao futebol, a linha narrativa se repete com os termos “favoritismo”, “título inédito da medalha de ouro” e “país tetracampeão do mundo” como um mantra.

Com toda a expectativa a equipe perdeu para o Japão por 1 a 0, em seguida venceu Hungria (3 a 1), Nigéria (1 a 0) e Gana (4 a 2). Na semifinal, o Brasil perdeu para a Nigéria por 4 a 3 e disputou o bronze contra Portugal, vencendo a partida por 5 a 0. No dia 3 de agosto de 1996, o futebol masculino aparece em menor destaque e o jornal ironiza dizendo que o futebol saiu de Atlanta com uma medalha inédita para a modalidade: o bronze. A coluna do jogador Zico destaca que “foi uma pena que somente no último jogo pudemos ver o verdadeiro futebol brasileiro em campo”. Tal enfoque, aliado aos elogios pela atuação do time, reforça a ideia de que “temos que vencer sempre para sermos o verdadeiro futebol brasileiro”.

### **Sydney 2000 e Pequim 2008: a performance resumida ao treinador**

Nos Jogos de Sydney 2000 a narrativa evoca as mesmas argumentações e mantém a intriga de enfatizar a “busca rumo ao título inédito”, a medalha de ouro. O técnico Wanderley Luxemburgo optou por não levar nenhum atleta acima de 23 anos, por “confiar no talento da geração olímpica” e manter o time “sem jogadores consagrados”. Nota-se aqui como o que antes foi usado como explicação nas performances da seleção, agora é usado como um fator diferencial para o grupo de jogadores que “mostram-se todo o tempo dispostos a dar entrevistas e parecem ter sempre os pés no chão” (O GLOBO, 14/09/2000, cadernos de Esportes, p.8), mostrando como as narrativas se modificam ao longo do tempo e após as interações entre campos.

A estreia foi com vitória sobre a Eslováquia por 3 a 1, seguida de derrota para a África do Sul por 3 a 1 e vitória contra o Japão por 1 a 0. Nas quartas de final a equipe perdeu para Camarões por 2 a 1. O jornal do dia 24 de setembro de 2000 foi o que mais

encontramos matérias repercutindo a derrota brasileira em Olimpíadas em todo o *corpus*. O alvo das críticas foi o treinador da equipe. A narrativa da capa foi clara em produzir sentidos para sua saída do comando da seleção brasileira: “O último vexame de Wanderley” (*O Globo*, 24/09/2000, p.1). A capa do caderno de Esportes sustenta a mesma intriga: “Com uma atuação vergonhosa, a seleção brasileira perde para Camarões e está fora das Olimpíadas. Cargo de Wanderley está por um fio” (*O Globo*, 24/09/2000, Caderno de Esportes, p.1). Na página 4, o jornal traz uma reportagem com os possíveis nomes para substituir o treinador: Parreira, Levir Culpi e Luiz Felipe Scolari.

Nesta construção, coloca-se na fachada a culpa do técnico pelo desempenho e pela performance da equipe, que não foi representada como “os melhores do mundo”, fato que segundo o jornal, é um motivo evidente para se demitir o treinador do cargo. A não convocação de três jogadores acima de 23 anos, que antes não fora criticada, emerge como um argumento para culpar Luxemburgo. A coluna de Fernando Calazans é um bom exemplo desse discurso: “O futebol brasileiro tetracampeão do mundo nunca chegou tão baixo. Nunca fez tanta vergonha maior em um torneio internacional. Nunca deixou tão humilhada a sua imensa torcida. [...] A explicação é uma só: incompetência. A começar pelo treinador...” (*O Globo*, 24/09/2000, Caderno de Esportes, p.10). Este enquadramento do jornalista é importante para definir os sentidos pretendidos pela narrativa. Claro que a seleção já teve outras derrotas, mas exaltar esta como maior vergonha e humilhação por não ter vencido os adversários, confirma a mudança na cobrança da performance do futebol olímpico no jornal. De pouco noticiada, como vimos em outras edições, agora a vitória passa a ser obrigação dos atletas para manter a representação de melhor do mundo. Romário, que tinha uma coluna no jornal destaca que “fica difícil aceitar, principalmente em se tratando de seleção brasileira” (*O Globo*, 24/09/2000, Caderno de Esportes, p.5), evidenciando a suposta obrigação de “vencer”. As outras reportagens destacam o “fim do

sonho do ouro olímpico” e a “vergonha que tomou conta do time” por conta de eliminação. A situação social de Goffman é pertinente neste caso. Como está previsto de antemão que a atuação da seleção de futebol deve ser vitoriosa, a derrota causa uma quebra na performance pré-definida, destruindo a representação, ficando “difícil de aceitar” e “envergonhando” quem estava performando em nome da seleção.

Em 2002 a seleção conquistou o quinto título em uma Copa do Mundo. A narrativa obviamente se aproveitou deste feito para reatualizar o discurso de melhores do mundo. Todavia, em 2004 o futebol masculino não se classificou para os Jogos de Atenas.

O jornal deu pouco destaque à estreia da seleção nos Jogos de Pequim. Uma delas salienta um novo capítulo na presença de jogadores profissionais na competição. Destacamos que a ideia de livre mercado de compra e venda de jogadores se concretiza em 1997, com a chamada Lei Bosman no âmbito internacional e da Lei Pelé no Brasil em 1998 (cf. FRANCO JR, 2007). Ambas tiveram como objetivo principal tornar o jogador livre para negociar sem ficar “preso” ao clube. No mercado econômico globalizado do século XXI, tal facilidade abriu as portas para o intercâmbio de jogadores (GIULIANOTTI, 2010). E neste prisma, os atletas mais jovens passaram a ser alvo frequente de clubes internacionais. Os jogadores Rafinha e Diego tiveram problemas com seus clubes para serem liberados para disputar os Jogos e a questão foi parar no Tribunal Arbitral do Esporte (TAS). O resultado chegou à véspera da estreia, liberando os atletas e os clubes exigiram que a CBF fizesse um seguro para ser usado em caso de lesão grave. Outras seleções passaram pelo mesmo problema, como a Argentina com o jogador Messi. Aqui, destacamos que os clubes, por seu poderio econômico, passam a exercer uma influência maior no campo esportivo, mesmo perdendo a disputa nesta ocasião. Aventamos que neste mercado globalizado as fronteiras e identidades se tornam mais

frágeis, esvaziando em algumas situações o sentido de jogar pela nação, e destacando a performance nos clubes com mais robustez.

Na primeira fase foram três vitórias contra Bélgica (1 a 0), Nova Zelândia (5 a 0) e China (3 a 0). Na segunda fase, vitória contra Camarões (2 a 0) e derrota para a Argentina nas semifinais por 3 a 0. A seleção conquistou o bronze após vencer a Bélgica por 3 a 0. No dia 23 de agosto de 2008, o jornal destaca na página 5 que “Dunga seria demitido ontem, em Xangai, se a seleção tivesse perdido a medalha de bronze para a Bélgica”. Novamente o treinador é colocado na fachada como responsável pela performance da equipe. Declarações apresentadas como raivosas pelo jornal aparecem na reportagem, indicando a sua relação conturbada com a imprensa e minimizando a derrota com a seguinte frase: “Por que essa cara, morreu alguém na família?” Aqui, concordamos com Wagg (2006) ao defender que no contexto global do esporte atual, a representação do treinador é focada na lógica capitalista de resultados imediatos, sendo a explicação do desempenho da equipe reduzida ao seu trabalho, ignorando outros fatores.

### **Londres 2012: o futuro em jogo**

A competição de futebol masculino dos Jogos Olímpicos de Londres foi narrada pelo jornal como uma preparação e provação para a Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil. A associação da matéria sobre a estreia aponta a importância de Neymar e Mano Menezes na equipe: “Seleção de Mano e Neymar inicia hoje busca pelo ouro inédito e pela garantia de que trabalho chegará a 2014” (*O Globo*, 26/07/2012, p.2). Novamente e ênfase no “inédito ouro” surge na narrativa e enfatiza que o resultado da performance pode determinar o futuro daquela geração e do futebol nacional: “Poucas vezes as Olimpíadas foram um indicador tão forte do futuro do futebol brasileiro” (*O Globo*, 26/07/2012, p.2). Um amadurecimento do time durante os 17 dias de competição é realçado pelo jornal como o fator que pode determinar o sucesso da equipe, destacando

que tais jogadores serão os atletas presentes em 2014. A frase do jogador Hulk é trazida para a fachada, demonstrando a pressão que o time enfrentaria: “A expectativa em cima do Brasil é sempre muito grande. Não ganhar vai ser uma decepção” (*O Globo*, 26/07/2012, p.2). Já a declaração do técnico busca fugir dessa responsabilidade de “ser o melhor” sempre: “sabemos da obrigação, entre aspas, que é defender a seleção brasileira. Mas não vamos criar uma pressão maior por causa disso” (*O Globo*, 26/07/2012, p.2).

A campanha da equipe teve cinco vitórias Egito (3 a 2), Bielorrússia (3 a 1), Nova Zelândia (3 a 0), Honduras (3 a 2) e Coreia do Sul (3 a 0) até a decisão da medalha de ouro contra o México. Com a derrota por 2 a 1 o futebol masculino ganhou sua terceira medalha de prata em Jogos Olímpicos. No dia 12 de agosto a capa do jornal traz uma foto do jogador Neymar deitado no gramado proporcionando um efeito de lamentação pela prata e o seguinte texto: “O sonhado ouro para o futebol brasileiro ficou para as Olimpíadas do Rio 2016. [...] A seleção teve uma atuação decepcionante, aumentando a preocupação para a Copa das Confederações 2013 e Copa 2014” (*O Globo*, 12/08/2012, p.1). O foco já é nas próximas competições, incutindo uma suposta “obrigação” de vencer os torneios que seriam disputados no Brasil. Esta associação corrobora a ideia de esperança futura na vitória presente no imaginário, como Baczko (1985) defende. A reportagem de Carlos Eduardo Mansur resgata a ideia que o “único título que falta ao futebol pentacampeão do mundo” ficou para a próxima Olimpíada. A capa de Esportes traz para a fachada a situação do técnico, como já havia feito em 2000 e 2008: “E agora, Mano?” Na página seis a sua continuidade no cargo é colocada em dúvida com as declarações de dirigentes da CBF sobre o seu trabalho.

### **Considerações**

Percebemos que as nuances narrativas encontradas sobre o futebol olímpico nas 12 edições dos Jogos se devem à disputa entre campos em determinados contextos que

propõem diferentes sentidos para a representação do futebol nacional. Iniciada em Helsinque 1952, com a exaltação dos jogadores amadores e a reatualização da ideia de sermos “malabaristas da bola”, encontramos críticas e uma preocupação com o “futuro” da seleção em Londres 2012.

Acreditamos que, principalmente durante os anos 1970, a pujança do campo econômico no contexto mundial sobre os demais campos foi crescendo, até transformar e nortear a performance atlética para a alta competitividade, mantendo a idealização do “duelo entre nações” e inserindo o “duelo entre marcas” verificado nas Copas do Mundo FIFA e nos Jogos Olímpicos organizados pelo COI. Ambos os eventos vão se projetar como um palco para tais performances, todavia o futebol estabeleceu seu momento exclusivo, deixando a competição olímpica desta modalidade pouco legitimada por não contar com os principais atores deste esporte por um longo período, até a FIFA permitir a inscrição limitada de atletas acima de 23 anos.

Outro aspecto interessante é que à medida que os meios de comunicação dedicaram maior empenho na cobertura dos Jogos e a transmissão se espalhou pelo planeta, a representação de “melhores do mundo” também estava em jogo na performance do futebol nacional. Conquistar o “título que nos falta” emerge como obrigação pelo jornal, influenciando sua narrativa. Neste prisma, Luiz Gonzaga Motta (2007) ressalta que nenhuma narrativa é ingênua, ela cumpre um determinado propósito, com ações estratégicas na constituição de significações em contextos, no nosso caso o de manter ou resignificar uma identidade e construir representações. A narrativa jornalística procura apagar marcas de subjetividade e interpretação do jornalista na construção da intriga, como se o fato falasse por si só, criando o “efeito de real”, colocando a notícia e seu relato como uma voz narrativa recheada de poder simbólico definindo a “realidade” da situação social.

A análise realizada neste trabalho esteve atenta para tais movimentos, compreendendo que ao selecionar os acontecimentos já se interfere na narrativa, almejando determinada significação (MOTA, 2013). Assim, confiamos que, nossa investigação indicou os recursos textuais de enquadramentos usados nas reportagens (ENTMAN, 2004), apontando o caminho e readequações das representações sobre o futebol brasileiro nos Jogos Olímpicos.

### Referências

BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: LEACH, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1978.

BORDIEU, Pierre. *Usos sociais da ciência*. Unesp, 2004.

BRINATI, Francisco Ângelo. *Maracanazo e Mineiraten: Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014*. 2015. 247 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

EHRENBERG, Alain. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida: Idéias e Letras, 2010.

ENTMAN, Robert M. *Framing News: Public Opinion and US Foreign Policy*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

FRANCO, Hilário Jr. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1938, p.4.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime patriarcal. Recife: Global Editora, 2003.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Harvard University Press, 1986.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.) *História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GUTTMANN, Allen. *The Olympics. A History of the Modern Games*. Urbana - Chicago: University of Illinois Press, 1992.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2011.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda. Introdução. In: *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, pp. 17-24.

MARQUES, José Carlos. Do complexo de vira-latas à “nossa” Taça do Mundo. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOSTARO, Filipe; GUERRA, Márcio. 1962: a consolidação da pátria de chuteiras. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 16 jul – 25 jul, 1952.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 26 ago – 02 set, 1960.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 12 out – 19 out, 1964.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 14 out – 19 out, 1968.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 27 ago – 01 set, 1972.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 18 jul – 30 jul, 1976.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 30 jul – 12 ago, 1984.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 18 set – 02 out, 1988.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 21 jul – 03 ago, 1996.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 14 set – 24 set, 2000.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 07 ago – 23 ago, 2008.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 26 jul – 12 ago, 2012.

PEREIRA, Camila; LOVISOLO, Hugo. 1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

PIVATO, Stefano. *Les enjeux du sport*. 1ª Ed. Firenze: Casterman-Giunti Gruppo Editoriale, 1994.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *A metamorfose do futebol*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2000.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SALVADOR, Marco Antônio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *A memória da Copa de 1970 - esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas: Autores Associados, 2009.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

THOMPSON, John B. *Mídia e Modernidade – uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

WAGG, Stephen. *Anjos de todos nós?: os treinadores de futebol, a globalização e as políticas de celebridade*. *Anál. Social*, Lisboa, n. 179, 2006. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0003-25732006000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732006000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 12 abr. 2015.

---

<sup>1</sup> É valoroso apresentarmos aqui o embate entre amadorismo (COI - Comitê Olímpico Internacional) e profissionalismo (FIFA - Federação Internacional de Futebol Association), que projetou diferentes significados para o futebol olímpico. A não inclusão do futebol nos Jogos Olímpicos de 1932 em Los Angeles levou a FIFA a criar um evento próprio, sem interferência do COI. Acreditamos que esta ruptura entre as entidades foi decisiva para a Copa do Mundo engendrar performances mais protuberantes no campo midiático do que o olímpico. O futebol continuou sendo disputado nos Jogos, porém ao manter o controle das federações nacionais, a FIFA sustentou o caráter amador do futebol nos Jogos Olímpicos, com uma iniciativa clara de esvaziar a simbologia da presença dos melhores atletas nesta competição, sugerindo uma disputa entre “jogadores sem importância”, diferente do evento Copa do Mundo.

---

<sup>2</sup> Nesta ótica, as ideias de Erving Goffman (2007) sobre a interação social e a forma com que as representações são construídas são axiais em nosso estudo. Através da “região de fachada” construída pela performance dos atletas e moldada pela imprensa, apresenta-se aquilo que reforçará a representação que se deseja construir, ocultando possíveis elementos que possam destruir a representação na chamada “região de bastidores”. Como um dos recursos utilizados para manter uma representação, Goffman cita o “faro”, que seria alguém que parece ser apenas um membro genuíno da plateia e que usa sua sofisticação não aparente em favor da equipe que está representando. Estamos falando do mito da imparcialidade jornalística ao realizar agendamentos e enquadramentos do que ficará evidente (fachada) ou será encoberto (bastidores) na representação.

<sup>3</sup> A ideia de senso comum será entendida neste trabalho de acordo com a seguinte definição de Sodré (2009, p.45): “senso comum é um nome para o conhecimento daquilo que os gregos chamavam de *doxa*, isto é, uma experiência da realidade limitada à sensibilidade, às notas acidentais contingentes e variáveis, às representações sociais que reduzem a complexidade factual a imagens de fácil trânsito comunicacional – traduzidas em opinião”. Além disso, o senso comum atua como “estabilizador da consciência e mobilizador do pertencimento à comunidade” (SODRÉ, 2009, p.45).

<sup>4</sup> Sobre a derrota para o Uruguai por 2x1 no Maracanã veja Brinati (2015).

<sup>5</sup> Nesta ideia, destacamos o artigo *Football Mulato* de Freyre que foi publicado no jornal *Diário de Pernambuco* no dia 17 de junho de 1938, durante a participação brasileira na Copa do Mundo da França. O texto é emblemático e considerado no meio acadêmico como o embrião da ideia do futebol-arte, o estilo de jogo que resumiria as características brasileiras para praticar tal esporte. Baseado no improviso, habilidade, ênfase no ataque e individualidade do atleta, o futebol-arte foi creditado por Freyre à miscigenação, reforçando a ideia de identidade nacional construída nos anos 1930, enraizando o futebol no sentido de o que seria “o brasileiro” e estabelecendo uma diferença ao estilo europeu, supostamente baseado na força.

<sup>6</sup> Aqui é pertinente trazermos as considerações de Paul Ricoeur acerca da construção da narrativa. As ações de determinados atores sociais são contadas através do que Ricoeur (2010) chama de intriga. Em suma, a intriga pode ser entendida como a escolha de ações humanas que vão tornar a narrativa compreensível, com início, meio e fim e que lhe darão determinado sentido de acordo com o que é contado e aquilo que não é contado, através de escolhas e angulações. Deste modo, o que vai ser narrado e qual a ordem dos fatos, direciona o sentido da notícia e constrói o acontecimento jornalístico.

<sup>7</sup> Para uma maior compreensão das narrativas midiáticas da Copa de 1958, ver (MARQUES, 2014).

<sup>8</sup> A análise da cobertura da imprensa sobre a Copa de 1962 pode ser mais aprofundada ao consultar Mostaro e Guerra (2014).

<sup>9</sup> Atual Egito

<sup>10</sup> O trabalho de Santoro e Soares (2009) é uma referência importante para a compreensão da importância desta competição na construção do futebol como identidade nacional.